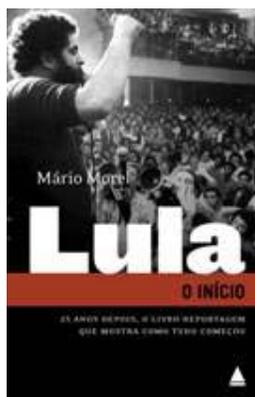


## LULA: METALÚRGICO E PRESIDENTE; PASSADO E PRESENTE



Resenha do livro de Mario Morel. *Lula: o início*. 3ª edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006, 190 p.; ISBN 85-209-1903-0.

*Leonardo Petronilha\**

Uma das coisas que mais saltou aos meus olhos ao ler o livro do jornalista Mário Morel foi o faro. A sensibilidade do jornalista-pesquisador ao perceber que aquele líder operário – que se opunha ao regime militar – iria se tornar um personagem destacado no cenário político brasileiro nos anos seguintes, mesmo não sabendo ao certo “*onde Lula chegará*”. Segundo Morel em sua introdução, “*a culpa foi do papa João Paulo II. Na sua visita ao Brasil, em julho de 1980, ele conversou com Lula e Marisa em pleno Morumbi. Um Lula recém saído da prisão, afastado do seu sindicato, um líder operário que enfrentava a ditadura militar. A imprensa deu destaque ao encontro. E começaram as minhas dúvidas: quem era este operário que ficou famoso quando liderou uma greve vista ao vivo e a cores pela televisão?*” Todavia não atribuo a culpa ao papa; sim ao faro esmerado do jornalista que utiliza com rigor as entrevistas como método de compreensão social.

Aos que não conhecem o livro, mapeio que é uma republicação de *Lula o metalúrgico: anatomia de uma liderança* (1981). Ou seja – 25 anos após a primeira tiragem – temos um distanciamento ideal para a leitura do texto. Ontem: a anatomia de uma liderança; hoje: Lula presidente do Brasil prestes a se eleger para o segundo mandato.

O texto é intimista e mostra com alvura como foi o início deste importante ator político. Desde o primeiro encontro com Lula, articulado via Frei Betto, o próprio Lula deu plena liberdade ao autor: *"Lula fez questão de deixar bem claro que eu podia escrever o que eu quisesse, e que ele jamais ia me pedir para ler o texto antes da publicação"*.

Além de intimista, como os encontros no hotel (onde o autor se hospedava) para entrevistar, inúmeras passagens evidenciam-se curiosas: *"Todos os dias, quando eu voltava para o hotel, meus papéis que ficavam em cima da mesa estavam remexidos e fora de ordem. Era cansativo ter de arrumar a bagunça dos outros para transformá-la na minha bagunça, aquela que só eu entendia. Deixei um bilhete em cima dos papéis: 'Estou escrevendo um livro sobre a vida do Lula para a Editora Nova Fronteira. Pode olhar, tirar cópias à vontade. Só peço a gentileza de não desarrumar e deixar na ordem em que estava.' Atenderam ao pedido. Até o fim do meu trabalho deixaram que a bagunça fosse apenas a minha"*.

Existem depoimentos engraçados, tristes, marcantes etc. As letras, as palavras, o texto integralmente palpitam na cadência harmônica do coração do Lula dos anos retratados. Quem se aproximar do livro, tê-lo em mãos, viverá os sentimentos tanto do Lula quanto de outros atores sociais importantes que estiveram próximos a ele: Frei Betto, "Frei" Chico, Nelsão, Jacó, dona Marisa...

Há um resgate intenso da infância de Lula e de sua relação com a família, da sua saída do nordeste para São Paulo, de sua relação com o estudo, do seu primeiro emprego etc. Sobre a viagem para São Paulo, que durou 13 dias, Lula relata um episódio cômico: *"Uma noite o caminhão parou no meio de uma caatinga para o pessoal descer e fazer suas necessidades. Eu fui pro meio do mato com o Chico (irmão) e quando todo mundo voltou para o caminhão, o motorista perguntou: 'Tá todo mundo?' e o caminhão tocou. Aí nós saímos correndo atrás do caminhão gritando. Ele andou quase 1 quilômetro e nós atrás gritando"*.

Lula revela, em suas recordações sobre o pai, uma relação de conflito: *"Meu pai era aquele tipo de pai que o filho não tinha prazer de chegar em casa, porque só batia, gritava, não tinha uma palavra de carinho com a gente. Eu me lembro que minha mãe me colocou na escola e ele não queria. Xingou minha mãe. E no primeiro dia que eu fui na escola, quando eu estava chegando, ele*

*estava em pé no portão como se fosse um todo-poderoso, para me dar bronca porque eu tinha ido para a escola. Eu cheguei meio escondido, atrás de uns pés de cará, com medo de chegar perto dele. [...] Meu pai era um homem muito rude. Um dia nós estávamos todos juntos. Meu pai comprou sorvete. Eu nunca tinha chupado um sorvete na minha vida. Meu pai deu um sorvete para cada um dos filhos dele com a outra mulher. Aí sobrou um. Ele esticou para me dar e depois não deu, dizendo que eu não sabia chupar sorvete. Até hoje eu lembro. Isso me marcou muito. Porque o mínimo que a gente espera de um pai é que ele ensine o filho a chupar um sorvete”.*

Há uma passagem que Lula revive o episódio da perda de seu dedo mindinho: *“No fim do ano de 64. Uma noite quebrou o parafuso de uma prensa. Eu fiz o parafuso e quando fui colocar, o companheiro prensista que estava cochilando distraiu-se, largou o braço da prensa, a prensa fechou e eu perdi meu dedo”.*

Enriquecendo esta (muito bem zelada) nova edição, temos um caderno central com 16 páginas de fotografias, uma nova introdução do autor, um texto-apresentação do jornalista Alberto Dines na quarta capa e um apêndice sintetizando a trajetória dos principais atores envolvidos.

Laconicamente, o livro é para ser lido pela sua importância como memória histórica, originalidade e faro jornalístico. Morel conseguiu farejar um presidente presente no passado, no início. *“E a vida continua...”.*

\* O autor é bacharel em Ciências Sociais (IFCS/UFRJ), mestre em Ciência Política (UFF), professor da Universidade Candido Mendes e editor da Revista de Ciência Política [www.achegas.net](http://www.achegas.net).